



João Francisco da Silva

curadoria João Bandeira

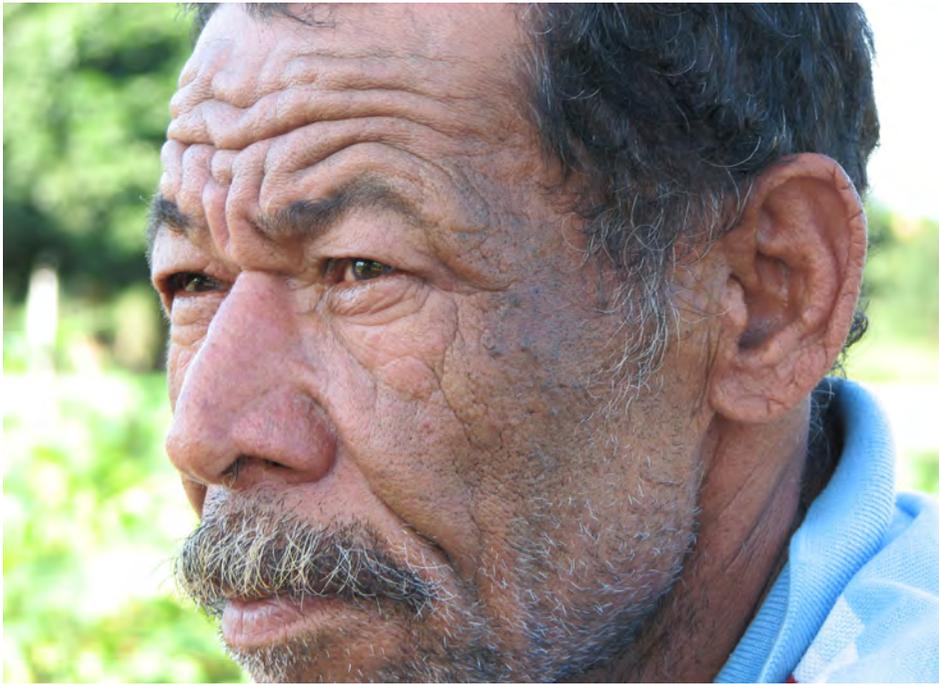
João Francisco da Silva

curadoria | João Bandeira

abertura 20 de maio 19h

exposição 21 de maio a 26 de julho





João Francisco da Silva

Vilma Eid

Alagoas é um celeiro maravilhoso, cheio de ótimos artistas, principalmente escultores que trabalham com madeira. João Francisco, mais conhecido como João da Lagoa, nasceu na cidade de Girau do Ponciano. Morou toda a sua vida na zona rural do município vizinho de Lagoa da Canoa, coincidentemente, a mesma cidade de outro escultor incrível, Antônio de Dedé, que expusemos no final de 2013.

Fui apresentada ao trabalho de João Francisco pelos meus amigos locais, Maria Amélia, Dalton e Jerônimo. Fui comprando, comprando, acumulando – e me encantando. Preparava-me para ir finalmente conhecê-lo para marcar a exposição quando chegou a notícia do seu falecimento, aos 69 anos, em 2009. Esperei demais.

Fiquei triste, chateada mesmo, e até com certo sentimento de culpa. Ele estava pronto, sua obra ali me dizia isso o tempo todo, mas as circunstâncias... Cheguei a incluir alguns de seus trabalhos em uma exposição coletiva que fizemos dedicada a crianças de 3 a 80 anos, chamada *Artistas e arteiros*, com muito sucesso. Mas isso foi pouco perto do que ele merecia.

Apesar da ausência de João Francisco entre nós, chegou a hora de mostrar o fruto do seu talento. Para a curadoria, convidamos o poeta João Bandeira, que imediatamente entendeu a poética do escultor e aceitou o convite.

Faço mea-culpa por ele não estar aqui para desfrutar sua exposição, realizada com os mesmos critérios de cuidado e dignidade que nos norteiam nestes dez anos da Galeria Estação. Então, desfrutemos nós. Essa é a homenagem que posso, tardiamente, prestar-lhe.



São Francisco, 2009
Escultura em madeira
192 x 92 x 60 cm

Todos os dias nascem deuses / Alguns maiores e outros menores do que você // Todos os dias nascem deuses / Alguns melhores e outros piores do que você // Esse é o alvorecer de tudo que se quer ver / Sem fazer sombra na melhor hora do sol / Eternidade duradoura com sossego então / Melhor que fique assim.

Nação Zumbi¹

Contam que João Francisco da Silva era um homem circunspecto, de poucas palavras e seriedade no trabalho. Morando na pequena cidade de Lagoa da Canoa, na região do agreste de Alagoas, diz-se igualmente que gastou boa parte da vida na roça, sobretudo na chamada agricultura de subsistência. Vida modesta, em casas de porta e janela, a certa altura dedicada também a produzir esculturas, num ambiente em que a população tem estado envolvida, desde pelo menos o século XIX, em grandes ciclos econômicos de agricultura extensiva.

O que pude ver da produção de João da Lagoa, como também ficou conhecido, faz pensar num mesmo e característico povo de madeira – abrangendo homens, mulheres, santos, santas, sereias e mais alguns bichos. Não destoam muito os que, em princípio, seriam especiais e os que não. O coração crivado de estiletos identifica Nossa Senhora das Dores, e a sanfona, o seu tocador. De resto, são sensivelmente parecidos. Com uma ou outra exceção, os integrantes desse povo poderiam ser sumariamente divididos en-

tre os esguios e os atarracados. Mas, olhando melhor, mesmo nesse último grupo é a verticalidade que tende a se destacar. Sob o signo da contenção, nada se expande muito para os lados; nem para a frente, nem para trás.

Em várias peças, por exemplo, os braços são feitos rentes ao corpo, e às vezes apenas esboçados em baixo-relevo. Até os braços abertos de um São Francisco têm proporções que não chegam a compensar o efeito no espaço produzido pela tora central, onde somam-se base, batina, cabeça e coroa. As feições meio neutras do santo são um traço recorrente nas demais peças, nas quais também não sobressaem outras partes do corpo, bem como as vestimentas (quando há), os objetos e adereços que as figuras carregam. Ou, quando isso ocorre um pouco mais, não é raro que os detalhes estejam como que incrustados na massa principal – além dos braços, as mãos, um coração, um pandeiro, uma espingarda, um livro, um terço. A verticalidade, o pouco detalhamento e a simetria predominantes aliam-se ao acabamento muito liso e esmerado dado à madeira sem pintura, de maneira que a definição da silhueta fica realçada em cada peça, emprestando à maioria delas um aspecto compacto, quase de totem, inclusive em algumas bem pequenas.

O efeito de solidez não perde força naquelas peças em que há mais de uma figura esculpida ao mesmo tempo, com simbolismos diversos. O que vai desde fiéis protegidos sob um santo ou padre até acoplamentos um pouco enigmáticos – ao menos para olhos da cidade grande – e que, por isso mesmo, parecem ainda mais reclamar interpretação. É o que acontece em duas esculturas semelhantes, nas quais da cabeça de um homem sai talvez um “pensamento”: numa delas, como um galho em que um pássaro está pousado (ideias benfazejas?); na outra, assumindo a forma de uma rês (embora nesse âmbito cultural boi e diabo não costumem vir associados, poderia ser o demo, em oposição à outra peça?); e vale reparar que esse segundo personagem leva consigo um telefone



Sem título, 2008
Escultura em madeira
75 x 13 x 17 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
80 x 18 x 10 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
97 x 40 x 15 cm

celular (seria o especulador de gado, devidamente equipado?). Ou naquela peça em que, sobre a mesma base, estão eretos e lado a lado uma figura masculina quase secretamente envolvida por dois pares de braços que não são os seus e um outro ser meio lagarto ou cobra, meio gente, mas que lembra bastante também um falo (pensando bem, não parece enigma tão grande). Aliás, há outras figuras masculinas ou femininas onde o sexo não se esconde, ainda que sem abandonar o comedimento.

Existe aqui, portanto, uma relativa variedade de soluções dentro de um mesmo repertório, com significativo equilíbrio formal. Seria equivocado concluir que a sobriedade geral do entalhe se devesse a alguma limitação técnica do artífice. É mais certo supor uma opção clara no modo de fazer, que demonstra pouco interesse nos modelos por demais imitativos do que se vê e em sua riqueza de pormenores, ao contrário do que é razoavelmente comum nessa esfera de produção. Quando quer, João Francisco é perfeitamente capaz de detalhar um objeto, como o celular mencionado. Pensando então num tipo específico, e mais raro, de “imaginador” – belo termo às vezes usado para designar santeiros do Nordeste do Brasil –, estamos diante de um daqueles talentos em que a parcimônia procura dar conta do tanto que move a expressão, em que “por excesso do objeto e não por falta do sujeito, ao artista só resta significar”.²

Talvez justamente para abarcar o que é preciso, nessa arte não há muita distância entre sagrado e profano, fantasia e dia a dia. No fim das contas, apenas as menores distinções têm verdadeira relevância. Afora isso, santos, sereias e gentes colocam-se mais ou menos em pé de igualdade, assemelhando-se na aparência e no porte. Para João Francisco (que gostava de trabalhar ao ar livre), estão todos aí numa espécie de privação compartilhada, sob as mesmas condições, sob o sol, a pino.



Notas

1 Trechos da letra de “No Olimpo”, música do CD *Fome de tudo* (Deckdisc, 2007), da Nação Zumbi. A autoria é de Jorge du Peixe, Dengue, Pupillo, Toca Ogan, Gilmar Bola 8 e Lúcio Maia.

Imito aqui, à minha maneira, Roberta Saraiva, curadora da exposição de Antonio de Dedé, escultor da mesma cidade de João Francisco da Silva, também na Galeria Estação, e que sugeriu uma trilha sonora para aquela mostra: “Lagoa da Canoa”, de Hermeto Pascoal, outro conterrâneo.

Aproveito para agradecer a colaboração de uma série de pessoas. Além de Vilma Eid e Germana Monte-Mór, pela interlocução, e de Giselli Gumiero e a equipe da galeria, que deram o suporte necessário à realização da exposição atual, agradeço também à mesma Roberta e a Maria Amélia Vieira, pelas informações sobre o contexto de produção de João Francisco; a Ana Carolina Roman Rodrigues, pela assistência na pesquisa; a Ana Cândida de Avelar e a Noemi Jaffe, pelas conversas sobre a montagem.

2 A citação é de Lévi-Strauss, ao comentar, em outro contexto, certas soluções formais da dita “arte primitiva”, dando ao termo *significar* o sentido de uma codificação formal específica em que o naturalismo seria insuficiente. V. *Olhar, escutar, ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Página 10

Sem título, sem data

Escultura em madeira

180 x 31 x 28 cm





Sem título, 2008
Escultura em madeira
158 x 42 x 47 cm

Sem título, 2008
Escultura em madeira
138 x 32 x 26 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
101 x 15 x 10 cm



Sem título, 2007
Escultura em madeira
115 x 64 x 19 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
54 x 10 x 56 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
80 x 13 x 12 cm
88 x 10 x 10 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
90 x 21 x 13 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
91 x 14 x 13 cm

Sem título, 2007
Escultura em madeira
98 x 13 x 10 cm



Sem título, 2007
Escultura em madeira
97 x 20 x 11 cm



Sem título, 2007
Escultura em madeira
89 x 20 x 18 cm



Sem título, 2007
Escultura em madeira
110 x 19 x 18 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
80 x 24 x 13 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
74 x 35 x 12 cm



Sem título, 2007
Escultura em madeira
63 x 15 x 17 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
60 x 13 x 14 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
38 x 8 x 7 cm



Sem título, sem data
Escultura em madeira
Escultura maior 31 x 9 x 7 cm
Escultura menor 15,5 x 7 x 4 cm



Sem título, sem data
Escultura em madeira
23 x 29 x 4 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
14 x 9 x 7 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
73 x 12 x 10 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
60 x 10 x 10 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
55 x 16 x 7 cm



Sem título, sem data
Escultura em madeira
48 x 11 x 09 cm
47 x 9 x 11 cm



Sem título, sem data
Escultura em madeira
36 x 6 x 6 cm



Sem título, 2008
Escultura em madeira
6 x 8 x 75 cm





Sem título, 2007
Escultura em madeira
8 x 29 x 167 cm

Sem título, 2007
Escultura em madeira
7 x 10 x 75 cm

Gods are born every day / Some larger and some smaller than you // Gods are born every day / Some better and some worse than you // This is the dawn of everything you want to see / Without a shadow at the best time of the sun / Long-lasting eternity with tranquillity then / It's best if it stays like this.

Nação Zumbi¹

Alagoas is a wonderful treasure trove, full of excellent artists, especially sculptors who work with wood. João Francisco, better known as João da Lagoa, was born in the city of Girau do Ponciano. He lived his whole life in the rural area of Lagoa de Canoa, which is curiously the same city of another incredible sculptor, Antônio de Dedé, whose work was shown by our art gallery in 2013.

I was introduced to João Francisco's work by my local friends, Maria Amélia, Dalton and Jerônimo. I started to buy his work, and then bought more and more, building a collection and falling in love with his works. I was getting ready to finally meet him to book a date for his exhibition when I received the news of his sudden passing away at the age of 69. I had waited too long.

This made me really sad, really unhappy, and I even felt a certain guilt complex. He was ready, his work had told me this all along, but the circumstances... I got as far as including some of his work in a collective exhibition which we had organised, dedicated to children aged between 3 and 80, by the name of *Artistas e arteiros* (Artists and naughty ones), with great success. However, this was but a drop in the ocean compared to what he really deserved.

Despite the fact that João Francisco is no longer with us, the time has come to show the results of his amazing talent. For the curatorship of this event, we have invited poet João Bandeira, who immediately understood the poetic element in the sculptor's work and accepted the invitation.

I take the blame for him not being here to enjoy the exhibition of this work, carried out with the same care and dignity that have been the guiding lights of our activities in these ten years of existence of the Galeria Estação. So, let us enjoy his work. This is the honour which, albeit too late, I can bestow on him.

They say that João Francisco da Silva was a circumspect man, speaking very little and showing seriousness in his job. Living in the small town of Lagoa da Canoa, in the agreste region of the Brazilian State of Alagoas, it is also said that he spent much of his life in rural areas, especially in what is called subsistence agriculture. His was a modest life, in houses with a door and a window, and also, at a certain point, dedicated to the production of sculptures, in an environment in which the population has been involved in major economic cycles of extensive agriculture, since the 19th Century at least.

What I have seen of the production of João da Lagoa, as he also became known, makes one think of one same characteristic people made out of wood – including men, women, saints, mermaids and also some animals. There is not much distinction between those which, on principle, would be special and those which would not. The heart laden with box-cutting knives clearly identifies Our Lady of Sorrows, while the accordion identifies the person who plays this instrument. In all other respects, they are sensitively similar. With one exception of other, the members of this people could be summarily divided into the lanky and the dumpy. However, taking a better look, even within this latter group it is verticality that tends to stand out. Under the sign of containment, nothing expands significantly sideways; nor forwards, nor backwards.

In several exhibits, for example, the arms are attached close to the body, and sometimes only sketched in using low-relief. Even the open arms of an effigy of St Francis has proportions that do not compensate for the effect on the space that is produced by the central log, where the base, the cassock, head and crown are added together. The somewhat neutral features of the saint are a feature that recurs in the other parts, where there is also no prominence of any other parts of the body, as also clothes (when they exist), objects and ornaments that the fig-

ures carry with them. Or, when this occurs a bit more often, it is by no means rare that the details appear as if they are encrusted into the main mass – as well as arms, hands, a heart, a tambourine, a rifle, a book and a *terço* (string of prayer beads). The verticality, low extent of detail, and the prevailing symmetry ally themselves to the very smooth and carefully crafted finish given to the unpainted wood, giving most of them a more compact appearance, almost like a totem, also in the case of some very small exhibits.

The effect of solidity does not lose its strength in those pieces where there is more than one sculpted figure at the same time, with several different symbolic meanings. This can range from faithful people protected under the wing of a saint or a priest, through to couplings that are somewhat enigmatic – at least as seen from the big city – and that, for this reason, seem to warrant even further interpretation. This is what happens with two similar sculptures, from which a human head comes forth, as possibly a “thought”: in one of them, as a branch on which a bird has perched (beneficial ideas?) and on the other taking the form of a head of cattle (even though, in this context, the ox and the Devil do not normally appear in association, but it could be the demo, in opposition to the other part?), and it is also worth noticing that this second character is taking a mobile telephone along (could this be the livestock speculator, duly equipped?). Or that part which, on the same base, a masculine figure with two arms that are not his appears erect and side by side with another figure that is half caterpillar and half snake, half human, but that is also suggestive of a phallus (well, the enigma does not seem that great). Indeed, there are other masculine or feminine figures where sex is not hidden, albeit without abandonment of discretion and reserve.

Therefore, here we have a relative variety of solutions within one same repertoire, with a significant formal balance. It would be a mistake to conclude that the general sobriety of the carving could be due to some technical limitation of the method. It is more certain to assume a clear option in the way of doing things, that shows little interest in models which are too imitative of what we can see and also in its richness of details, different from what is reasonably common at this production sphere. When he wants to, João Francisco is perfectly able to show details of an object, such as the mobile telephone mentioned. Thinking of a specific, and rarer, type of “imaginator” – a beautiful term

which is sometimes used to represent *santeiros* of the Brazilian Northeast – we are faced with one of those talents in which parsimony tries to be responsible for the extent to which it moves the expression, in that “by excess of the object rather than shortage of the subject, all that remains for the artist is to acquire significance”.²

Maybe for the very fact that it includes everything that is needed, in this art there is little distance between the sacred and the profane, fantasy and daily activities. At the end of the day, only the best distinctions are really relevant. Outside this, saints, mermaids and people place themselves more or less on equal terms, with similar build and appearance. In the opinion of João Francisco (who liked to work in the open air), they are all there, in a kind of shared privation, under the same conditions, under the overhead sun.

Notes

1 Excerpts from the lyrics of the song “At the Olympus” (*No Olimpo*), a song from the CD by the name of *Fome de tudo* (Deckdisc, 2007), by Nação Zumbi. The song was composed by Jorge du Peixe, Dengue, Pupillo, Toca Ogan, Gilmar Bola 8 and Lúcio Maia.

In my own way, I here imitate Roberta Saraiva, the curator of the exhibition by Antonio de Dedé, a sculptor from the very same city as João Francisco da Silva, also here at the Galeria Estação, suggesting a soundtrack for that exhibition: “Lagoa da Canoa”, a song by Hermeto Pascoal, another of the city’s famous sons.

I take the opportunity to thank a series of people for their collaboration. Apart from Vilma Eid and Germana Monte-Mór for interlocution, and also Gisseli Gumiero and the team at the art gallery, who gave the necessary support for the hosting of the current exhibition, I would also like to thank Roberta and also Maria Amélia Vieira, for the information about the context of João Francisco’s production; Ana Carolina Roman Rodrigues, for help with research; Ana Cândida de Avelar and Noemi Jaffe, for the conversation about assembly.

2 This quote is from Lévi-Strauss, on commenting, in another context, certain formal solutions of what has been called “primitive art”, giving the term *acquire significance* a new meaning, that of a specific formal codification in which naturalism would not be enough. See: *Look, listen, read (Olhar, escutar, ler)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

João Francisco da Silva 2014

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

João Bandeira

Textos

João Bandeira

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Fotos

Germana Monte-Mór

Fotos do artista

Dalton Costa, cortesia Galeria Karandash

Versão de textos para o inglês

Paul Willian Dixon

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Assessoria de imprensa

Pool de Comunicação

Impressão e acabamento

Lis Gráfica

Agradecimentos

Maria Amélia Vieira, Dalton Costa e Jerônimo Miranda

Página 1

Sem título, sem data

Escultura em madeira

5,5 x 3 x 44 cm

GALERIA  ESTAÇÃO

rua Ferreira de Araujo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 www.galeriaestacao.com.br

